

RELIGIÃO E EDUCAÇÃO – A SUPERAÇÃO DO PRECONCEITO POR MEIO DO CONHECIMENTO

Walter Nunes de Souza¹

RESUMO

A discriminação é um problema social existente no Brasil há muitas épocas, manifestando-se em cada uma delas por razões diversas, tais como gênero, sexualidade, crença, entre outras características, naturais ou não, de cada indivíduo. Nesse universo está inserida a intolerância contra adeptos e praticantes de religiões de matriz africana em diversos âmbitos sociais. Assim, essa pesquisa teve como objetivo investigar as formas de preconceito sofridas pelos adeptos do candomblé no Brasil e como o ensino escolar e acadêmico poderiam figurar como instrumento de promoção do conhecimento dessa cultura, diminuindo o preconceito, e incentivando o respeito ao próximo e seu espaço. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de natureza bibliográfica, por meio de uma revisão dos dados encontrados em estudos indexados em bases de dados virtuais, que tratassem sobre uma temática útil ou semelhante, com ano de publicação entre o período de 2014 a 2019 e apresentados em língua vernácula ou traduzidos. Os resultados corroboraram sobre o grande índice de preconceito ainda existente na sociedade diante da cultura religiosa de matriz africana, refletindo até mesmo em agressões contra os praticantes dessa crença. Desse modo, percebe-se que é necessário que políticas públicas direcionadas a educação social, moral e escolar sejam desenvolvidas com intuito de coibir ações preconceituosas, principalmente as violentas, bem como proporcionar a aproximação dos sujeitos sociais com os reais significados da religião africana, desfazendo os mitos, principais responsáveis pelas concepções equivocadas perpetuadas ao longo dos anos.

Palavras - chave: Preconceito. África. Religião. Candomblé. Informação.

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras – PB. Aluno da Pós-Graduação em Docência do Ensino Superior pela Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras – PB. E-mail: waltheatro17@gmail.com.

ABSTRACT

Discrimination is a social problem that has existed in Brazil for many times, manifesting itself in each of them for different reasons, such as gender, sexuality, belief, among other characteristics, natural or not, of each individual. In this universe is inserted intolerance against adherents and practitioners of religions of African origin in various social spheres. Thus, this research aimed to investigate the forms of prejudice suffered by candomblé supporters in Brazil and how school and academic education could figure as an instrument for promoting knowledge of this culture, reducing prejudice, and encouraging respect for others and their space. . To this end, a bibliographic research was conducted, through a review of the data found in studies indexed in virtual databases, which dealt with a useful or similar theme, with year of publication between the period 2014 to 2019 and presented in vernacular language or translated. The results corroborated the high level of prejudice still existing in society regarding the religious culture of African origin, reflecting even on aggressions against the practitioners of this belief. Thus, it is perceived that it is necessary that public policies directed to social, moral and school education be developed in order to curb prejudicial actions, especially violent ones, as well as to bring the social subjects closer to the real meanings of the African religion, undoing myths, the main culprits for misconceptions perpetuated over the years.

Keywords: Prejudice. Africa. Religion. Candomblé. Information.

1 INTRODUÇÃO

No CENSO realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, parte da população adulta residente no Brasil declarou ser frequentadora ou praticante de alguma religião de matriz africana. Representado numericamente, esse índice reflete em um total de 407.331 pessoas que se declararam como frequentadora e/ou praticantes da Umbanda, em meio a 470 mil praticantes de religiões com raízes africanas, índice relevante diante de uma população nacional estimada em 190.755.799 habitantes (IBGE, 2010).

O Brasil, desde seu descobrimento, é um país consideravelmente católico, em que os negros precisaram recriar suas origens espirituais para sobreviver aos costumes do “novo mundo”, principalmente depois que se tornaram pessoas “livres” (REIS, 2005).

Questões voltadas à imposição católica fizeram com que visões pejorativas sobre as religiões vindas da África – e mais especificamente sobre o Candomblé – fossem desabrochadas, influenciando de maneira determinante na realização do xangô de Pernambuco, no tambor-de-mina do Maranhão, no batuque do Rio Grande do Sul e em tantos outros exemplos espalhados em todo o território nacional, tendo sido todos identificados, simplesmente, como Candomblé pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (REIS, 2005).

Por muito tempo os rituais do candomblé (e de outras religiões de matriz africana) foram proibidos e perseguidos, o que faz com que na atualidade seus praticantes ainda sejam submetidos a situações agressivas, de constrangimento e preconceituosas. Esses fatos são reportados através de vários veículos midiáticos, a exemplo da revista Brasil 247 (2017) em sua reportagem “*Candomblé e Umbanda, as maiores vítimas de intolerância religiosa*”², do jornal online BCC (2016), quando apresenta texto intitulado por “*Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?*”³, da Mídia News (2016) com a reportagem

² Disponível em <https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/167362/Candombl%C3%A9-e-Umbanda-as-maiores-v%C3%ADtimas-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.htm>

³ Disponível em http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm

“Preconceito leva 70% dos terreiros e viverem na clandestinidade”⁴ ou ainda o jornal O Estado do Espírito Santo (2017) que apresentou aos seus leitores a reportagem “Religiões de origem africana lutam contra a intolerância religiosa”⁵.

Essa discussão também percorre os espaços acadêmicos, podendo-se encontrar diversos textos que buscam refletir sobre o tema, como “Intolerância contra afro-religiosos: conhecendo o candomblé dentro de sala de aula”, escrito por Araújo e Acioly (2016). No entanto, as discussões desenvolvidas até o momento e políticas públicas aplicadas não tem sido suficientes para desfazerem as concepções equivocadas e retaliações violentas ainda praticadas contra os candomblecistas, de modo que ainda observa-se episódios como o noticiado pela UOL Notícias (2015), com “Menina é apedrejada na saída de culto de Candomblé no Rio” ou a reportagem “Estudante agredida por intolerância religiosa dentro de escola não quer voltar ao colégio” publicada através do site Extra (2015).

Assim, é diante da análise desse universo que se considera importante estudos que debatam a construção, solidificação e atualidade dessas religiões no Brasil, buscando encontrar estratégias capazes de diminuir o ambiente de hostilidade contra os praticantes de religiões de matriz africana, compreendendo os princípios da liberdade e do respeito.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ENTRADA DO CANDOMBLÉ NO BRASIL

É pertinente iniciar a análise considerando a hierarquia de poder e – sobretudo – religiosa que havia no Brasil na época em que as religiões trazidas pelos negros chegaram nestas terras, já que o Candomblé especificamente foi um dos instrumentos que caracterizou a resistência dos escravos ao sistema que lhes estava sendo imposto e auxiliou na criação da identidade desses povos (RODRIGUES, 1982).

⁴ Disponível em <http://www.midianews.com.br/cotidiano/preconceito-leva-70-dos-terreiros-a-viverem-na-clandestinidade/273002>

⁵http://www.oestadoes.com.br/_conteudo/2017/05/cotidiano/geral/11712-religoes-de-origem-africana-lutam-contra-intolerancia-religiosa.html

O Candomblé é, na verdade, uma adaptação do que havia sido praticado na África pelos povos negros para manter relação com seus ancestrais, posto a mistura de famílias que houve na chegada ao Brasil e pela proibição religiosa que foi imposta, já que a religião que deveria ser cultuada por todos em terras brasileiras seria o catolicismo (MOTTA, 2002).

É importante ressaltar a existência forte de três religiões em meio a este contexto: a católica, a indígena e o candomblé; sendo que este último apresenta na atualidade um misto com as duas anteriores.

Silva e Calaça (2007, p. 11) expõem:

Sociedade e culturas, pensamentos e concepções filosóficas, os valores civilizatórios devem ser conhecidos, pois os africanos arrancados de seus territórios, durante o período do tráfico, eram portadores de cultura e profundos conhecedores de seu meio ambiente, detentores de saberes e competências. Mas para “legitimar” a escravidão criou-se uma ideologia que, sendo eurocêntrica, aponta o africano como não portador de nenhum conhecimento, como “selvagem” ou “primitivo”. (...) Na verdade, o processo de espoliação colonial foi brutal, milhões de seres foram arrancados de seus domicílios, suas famílias dizimadas (...).

Muitos líderes religiosos – tanto indígenas quanto negros – acabaram por criar cultos sincréticos, adicionando a eles analogias com o catolicismo, para que, desse modo, pudessem cultuar suas crenças de maneira camuflada e fugir das ameaças brancas que surgiam por todas as partes (RODRIGUES, 1982). “Na concepção judaico-cristã, os povos africanos foram classificados como *animistas*, o que quer dizer que para eles haveria *anima* – alma – em tudo: animais, pedra, água, vegetais...” (SILVA E CALAÇA, 2007, p. 12).

A esse respeito, Freitas et al. (2013, p. 209-210) apresenta:

Chegamos, pois, a uma mistura de santos com orixás que ainda hoje é motivo de mau entendimento, porque um se confunde com o outro. Pelo sincretismo chegamos à seguinte classificação de orixás e santos católicos: Exú – Santo Antônio, Ogum – São Jorge, Oxóssi – São Sebastião, Omolú – São Lázaro, Ossaim – São Benedito, Oxumaré – São Bartolomeu, Nanã – Santa Ana, Oxum – Nossa Senhora da Conceição, LogumEdé – Santo Expedito, Obá – Santa Joana d’Arc, Euá – Nossa Senhora das Neves, Inhansã – Santa Bárbara, Iemanjá – Nossa Senhora dos Navegantes, Xangô – São João Batista, Oxaguiã – Menino Jesus, Oxalá – Senhor do Bom Fim, Olorum – Deus.

Este contexto faz com que surja uma sensação de sincretismo, já que as divindades religiosas negras eram interligadas aos santos católicos, sincretismo este que foi explorado pela primeira vez através de Nina Rodrigues (1935) *apud* Rodrigues (1982) por uma visão culturalista e que passou a explorar quais as reais heranças que ainda resistiam em meio a esta mistura de crenças religiosas.

Nesse contexto, com o início do desenvolvimento dos centros urbanos, este se tornou um ambiente propício para a aglomeração de moradias negras, o que conseqüentemente fez com que as trocas de experiências religiosas se tornassem mais estáveis e a implantação de terreiros de Candomblé acontecesse mais naturalmente (REIS, 2005). E, dessa maneira, esse culto religioso veio a dar seus primeiros passos para ser solidificado enquanto uma religião afrodescendente legalmente reconhecida em solo brasileiro.

2.2 A LEGALIZAÇÃO DO CANDOMBLÉ NO BRASIL

Durante o século XX, o Brasil passou por diversas experiências relacionadas ao culto de religiões, porém os cultos que foram trazidos da África através dos escravos somente passaram a ter sua legalidade e conquistar espaço concreto no fim de 1950 (MAGGIE, 2005). Esta mesma autora afirma que antes desse momento, a Constituição Republicana garantia o culto de quaisquer religiões, mas o candomblé e as outras religiões que chegaram ao Brasil através dos negros eram vistas como feitiçaria e enquadradas no crime de exercício ilegal da medicina, já que – em muitos casos – buscavam ofertar melhoria na saúde das pessoas através de rituais específicos, sendo que este papel não deveria ser exercido pela religião e somente pela medicina.

Ortiz (1991) afirma que a Umbanda possuiu melhor aceitação no momento de sua solidificação, pois esta estava mais próxima do espiritismo Kardecista, chegando a sofrer preconceitos posteriormente ao ser rotulada como “baixo espiritismo” e também acusada por feitiçaria e curandeirismo. O principal motivo para tais acusações era que o espiritismo desenvolvido por Allan Kardec era praticado por pessoas intelectuais, nobres e com alto poder na sociedade (MAGGIE, 2005).

Inicialmente, o Candomblé era cultuado em casas isoladas das cidades ou da civilização branca e em sítios povoados por negros, onde possuíam a liberdade de

referenciar seus ancestrais, enterrar e cultuar seus mortos, buscar auxílio⁶, encontrar-se com o divino e sociabilizar, assim como afirma Bastide (1973). Este mesmo autor complementa seu pensamento dizendo que nesta época estes eram espaços reservados apenas às mulheres e homens negros, porém, após as primeiras décadas da libertação dos escravos através da Lei Imperial nº 3.353⁷, homens brancos passaram a frequentar tais casas, onde podiam socializar com os negros e, em muitos casos, restabelecer laços familiares que foram perdidos⁸.

As correntes religiosas afrodescendentes se espalharam além das fronteiras. Alberti (2006) diz que a instituição da liberdade religiosa – em 1889 – dada aos terreiros de Candomblé passaram a ganhar forma e a estruturar seus rituais e suas crenças, abrindo espaço para confraternizações espirituais. Entende-se que este passo foi de grande importância para a consolidação das religiões de raízes africanas no Brasil, pois tornou-se possível a construção de um espaço social que viesse a respeitar o espaço religioso daqueles que não necessariamente faziam parte da religião predominante em território brasileiro, o catolicismo.

Silva Júnior (2015) afirma que muitas batalhas foram travadas para que a descaracterização das religiões vindas através dos negros africanos enquanto algo ruim acontecesse e que maior prova de vitória sobre essas lutas é a criação da Lei nº 10.639/2003, que garante espaço para a cultura e história africana nas escolas, além do Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, que passou a regular a identificação e titulação dos espaços ocupados por remanescentes quilombolas. Este mesmo autor ainda cita a Lei nº 12.519, datada de 10 de novembro de 2011, que passou a definir o dia 20 de novembro como celebração oficial pela consciência negra no Brasil.

Todavia, é necessário salientar que a existência das Leis e Decretos referentes à inserção do Candomblé e das tradições africanas em meio à sociedade é apenas uma legitimação frente a mais uma crença, o que não implica dizer que os preconceitos e comportamentos frutos deste deixaram de existir. Quando fala-se em preconceito, tem-se como base a Psicologia Social, que apresenta diversos conceitos para o termo; entretanto – no desenvolvimento deste estudo especificamente – trabalha-se com a

⁶ Muitos escravos que fugiam das senzalas durante a escravidão buscaram refúgio nos terreiros candomblecistas aos quais estavam integrados.

⁷ Também conhecida como Lei Aurea, sancionada em 13 de maio de 1888. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm

⁸ Como, por exemplo, no caso de senhores de engenho que vieram a ter filhos com escravas e perderam o contato com os mesmos após a libertação dos escravos e saída destes de sua fazenda.

definição apresentada por Rose (1972) *apud* Machado (2007, p. 201) ao afirmar que preconceito é“(...) um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação”, além do pensamento de Allport (1954) *apud* Pereira et al. (2003) que já havia definido o preconceito como atitudes negativas lançadas contra um grupo, baseando-se em suas crenças.

3 METODOLOGIA

O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da bibliografia, analisando os resultados obtidos em outras pesquisas indexadas em bases de dados virtuais, que tratassem de temática semelhante ou útil a problematização definida, buscando reunir e sintetizar informações úteis, capazes de produzir uma discussão satisfatória sobre o tema (BOTELHO et al., 2011).

Dessa forma, o questionamento norteador da pesquisa foi: como a educação pode colaborar com a diminuição das manifestações de preconceito contra religiões de matriz africana ainda existentes na sociedade?

Para tanto, as etapas de produção do estudo foram: construção da questão norteadora, construção de critérios de inclusão e exclusão, categorização dos resultados encontrados através da análise de conteúdo de Bardin, interpretação crítica acerca dos dados encontrados e construção escrita sobre temas semelhantes (BOTELHO et al., 2011).

Por fim, a pesquisa foi realizada no período de janeiro a março de 2019, através das bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library OnLine*) e LILACS (Literatura Latino Americana em Ciências da Saúde), utilizando-se da combinação dos seguintes descritores: Candomblé, Preconceito e Educação. Os estudos encontrados foram submetidos aos critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, tais como ano de publicação entre 2014 e 2019, temática útil ou semelhante e conteúdo em língua portuguesa ou traduzido, bem como a um processo de seleção baseado na leitura dos títulos e posteriormente dos resumos, com a finalidade de escolher uma amostragem final, que foi definida na análise de 05 artigos.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Para facilitar a análise, comparação e discussão dos dados encontrados nas pesquisas selecionadas, optou-se por apresentar suas principais características de maneira sistematizada, por meio de tabelas.

Dessa forma, a tabela 1 apresenta as seguintes informações: autor, periódico de publicação e título da pesquisa, salientando-se ainda que foram atribuídos códigos alfanuméricos aos estudos, para facilitar a relação dos dados entre as duas tabelas.

Tabela 1- Autor, periódico de publicação e título dos estudos de referência da pesquisa.

CÓD.	AUTOR	PERIÓDICO	TÍTULO
W1	SANTOS, A. B. dos.	Utopía y Praxis Latinoamericana, vol. 22, núm. 79, Venezuela, 2017.	Africanidades e educação.
W2	RUSSO, K.; ALMEIDA, A.	Cad. Pesqui., São Paulo, v. 46, n. 160, 2016.	Yalorixás e educação: discutindo o ensino religioso nas escolas.
W3	SETTON, M. da G. J.; VALENTE, G.	Cad. Pesqui., v. 46, n. 160, São Paulo, 2016.	Religião e educação no Brasil: uma leitura em periódicos (2003-2013).
W4	RABELO, M. C.	Horizontes Antropológicos [Online], v. 44, 2015.	Aprender a ver o candomblé.
W5	OLIVEIRA, A. G. de.	Universidade Federal de Pernambuco. Dissertação (Mestrado em Educação). 2014.	A educação nos terreiros de Caruaru/Pernambuco: um encontro com a tradição africana através dos Orixás.

Fonte: Autor da Pesquisa, 2019.

A tabela 2 apresenta os objetivos de cada pesquisa, bem como a metodologia adotada e os principais resultados encontrados, permitindo uma contextualização da discussão posterior.

Tabela 2 – Objetivos, Metodologia e Principais Resultados apresentados nos estudos de referência.

CÓD.	OBJETIVOS	METODOLOGIA	PRINCIPAIS RESULTADOS
W1	Desmistificar diversos significados impostos, pejorativamente, a elementos das religiões de matriz africana.	Investigação bibliográfica sobre as informações a respeito das culturas disseminadas desde a cultura Europeia.	Ainda existe muita influência das crenças religiosas católicas e de outras religiões que alimentam o preconceito popular contras as religiões africanas. No entanto, esses valores podem ser reorganizados, de modo a fomentar o planejamento e aplicação de novas estratégias pedagógicas nas escolas.
W2	Discutir a relação entre educação escolar e religiosidade a partir da visão de cinco Yalorixás do Candomblé da Baixada Fluminense – RJ.	Entrevistas e observações realizadas entre maio de 2014 e janeiro de 2015, em quatro diferentes terreiros dessa região.	Identificou-se que essas líderes religiosas percebem a intolerância, o racismo e discutem criticamente o ensino religioso na rede pública do Rio de Janeiro.
W3	Analisar textos que estabelecem interface entre religião e educação das áreas de antropologia, educação, história e sociologia.	Periódicos de seletiva política editorial, com publicação entre os anos de 2003 a 2013.	O Brasil é considerado um país com grande influência religiosa, mesmo que a tradicionalidade tenha perdido espaço. Ademais, é perceptível que ambas as esferas são marcadas

			por uma tensão histórica.
W4	Discutir o aprendizado de práticas visuais no candomblé e mostrar aprender a ver está diretamente relacionado ao modo como se fazem pessoas nessa religião	Análise da bibliografia disponível virtualmente que trata sobre o tema.	Os praticantes do candomblé enfrentam diversos desafios dentro e fora dos terreiros, posto que além de aprenderem com as normas e ensinamentos da religião, também precisam lidar com as concepções equivocadas sobre as crenças, disseminadas pela sociedade.
W5	Estudar como os sujeitos candomblecistas percebem a escola pública diante de suas experiências de educação nos terreiros.	Entrevistas semiestruturadas com nove candomblecistas do Terreiro de Candomblé Ilê Axé Xangô Airà em Caruaru/Pernambuco.	O candomblé figura socialmente como uma religião subalternizada pelas concepções hegemônicas, que em confronto com mecanismos de resistência enfrentados pelos candomblecistas, travam uma luta constante para manter a essa religião num patamar de respeito e reconhecimento social.

Fonte: Autor da Pesquisa, 2019.

O preconceito contra o candomblé na sociedade ainda é bastante aparente, ocasionado por diversas características, entre elas a história da religião no país, o pouco conhecimento sobre os rituais e os mitos criados ao longo das épocas, criando um cenário de segregação, marginalização e perseguição dos praticantes e frequentadores (SETTON; VALENTE, 2016).

Um dos aspectos citados nos dados da pesquisa trata sobre como esse cenário discriminatório fez surgir um ambiente de total desrespeito com a religião, seja com suas práticas, em expressões populares como “chuta que é macumba”, e seus praticantes, intitulados de macumbeiros, xangozeiros, feiticeiros e outros adjetivos pejorativos (SETTON; VALENTE, 2016).

De acordo com Santos (2017), a religião africana é uma cultura repleta de informações não apenas relacionadas ao sincretismo, mas sobre a história do mundo e das civilizações, de hábitos que se perpetuaram por épocas, como a manipulação de ervas medicinal, com eficácia comprovada cientificamente. Ademais, outra prática dos rituais religiosos que também vem de outras civilizações pode ser observada nas danças, de origem africana, mas infelizmente associada a manifestações diabólicas ou satânicas. Todavia, é importante salientar que tais danças foram influência direta no surgimento de estilos de dança brasileira como a catira, o samba e o jongo.

Na culinária, os hábitos de matriz africana e disseminada em sua maioria pelo candomblé também se apresentam, como a utilização do dendê em diversos pratos do cardápio nacional, além do fubá, camarão, inhame, que compõem também os ingredientes definidos das comidas cozinhadas nas oferendas para os orixás (RABELO, 2015).

Assim, associada a estratégias de promoção do respeito e liberdade, o ensino das religiões africanas por meio de sua representatividade histórica na construção do Brasil e da cultura nacional é uma ação de grande impacto para iniciar o processo de desmistificação sobre os rituais e seus significados, características da religião e a forma como o preconceito a essa cultura foi construído e porque deve ser superado (RUSSO; ALMEIDA, 2016).

Outro aspecto de importância citado nos dados dos estudos de referência foi à representatividade da religião como símbolo de resistência de uma cultura que foi repreendida e sufocada desde seu surgimento no Brasil. Desse modo, a coragem e a crença de seus praticantes deve ser reconhecida e respeitada (OLIVEIRA, 2014).

Assim, percebe-se o quanto é importante abordar todo o conhecimento do qual as religiões de matrizes africanas possuem conteúdo, abordando-os de forma histórica, mas também social, criando um novo cenário de aceitação desses cultos e de seus praticantes, que não se assemelham a figuras e percebem na sua crença a pureza e santidade contida também em outras religiões (SETTON; VALENTE, 2016).

Ademais, mesmo reconhecendo que não cabe a escola desempenhar de maneira autônoma a abordagem desse conteúdo, necessitando que a sociedade também abra espaços para o surgimento desse novo ambiente de aceitação. Todavia, para que tais fatos ocorram é preciso que sejam desenvolvidas estratégias de políticas públicas que incentivem essas posturas, por meio do conhecimento e desmistificação da história real das africanidades e seus significados (OLIVEIRA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados da pesquisa demonstraram que o preconceito contra adeptos e/ou praticantes de religiões de matriz africana ainda é muito clara na sociedade, seja manifestando-se por meio da marginalização dos cultos e seus frequentadores, dos mitos disseminados pelos que possuem pouco ou nenhum conhecimento sobre os rituais e seus significados, além das manifestações violentas de destruição de terreiros ou agressões físicas contra os candomblecistas.

Nesse contexto, verifica-se a importância do desenvolvimento de estratégias educacionais capazes de oferecer conhecimento para os sujeitos sociais sobre as referências e significados do culto religioso de matriz africana, diminuindo o preconceito e promovendo o aumento do respeito e da liberdade de crença.

Dessa forma, espera-se que esse estudo possa contribuir com ações que busquem aprofundar o tema ou embasar novas investigações, com o objetivo de tornar o ambiente social mais seguro e receptivo para a diversidade existente em seus componentes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. “Histórias dentro da História”. In: **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALLPORT, G. **The Nature of Prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

ARAÚJO, V. A. B., ACIOLY, A. C. Intolerância contra afro-religiosos: conhecendo o candomblé dentro de sala de aula. **XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**. V. 17, n. 1, 2016.

BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BRASIL 247. **Candomblé e Umbanda, as maiores vítimas da intolerância religiosa**. 2017. Disponível em <https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/167362/Candombl%C3%A9-e-Umbanda-as-maiores-v%C3%ADtimas-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.htm> Acesso em Fevereiro de 2019.

EXTRA. **Estudante agredida por intolerância religiosa dentro da escola não quer voltar ao colégio**. 2015. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/estudante-agredida-por-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-nao-quer-voltar-ao-colegio-17650415.html> Acesso em Março de 2019.

FREITAS, J. P., MEDEIROS, M. C. S., SILVA, J. A. L., SILVA NETO, M. F. **Religiões afro-brasileiras: estudo de caso do candomblé em Cajazeiras – PB**. 2013. Disponível em <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/7577/5254> Acesso em Março de 2019.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em Março de 2019.

MAGGIE, Y. “O arsenal da macumba”. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Fé na África. Religiões Afro-Brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1, nº 6, dez. 2005.

MIDIA NEWS. **Preconceito leva 70% dos terreiros a viverem na clandestinidade**. 2016. Disponível em <http://www.midianews.com.br/cotidiano/preconceito-leva-70-dos-terreiros-a-viverem-na-clandestinidade/273002> Acesso em Fevereiro de 2019.

MOTTA, R. “Antropologia, pensamento, dominação e sincretismo”. In: **Política & Trabalho**. Ano 18, nº 18, Joao Pessoa, 2002.

O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Religiões de origem africana lutam contra a intolerância religiosa**. 2017. Disponível em <http://www.oestadoes.com.br/conteudo/2017/05/cotidiano/geral/11712-religoes-de-origem-africana-lutam-contraintolerancia-religiosa.html> Acesso em Março de 2019.

OLIVEIRA, A. G. de. A educação nos terreiros de Caruaru/Pernambuco: um encontro com a tradição africana através dos Orixás. **Universidade Federal de Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Educação). 2014. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/bitstream/123456789/11280/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Ariene%20Gomes%20de%20Oliveira.pdf>. Acesso em Março de 2019.

ORTIZ, R.A **morte branca de um feiticeiro negro**: Umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEREIRA, C., TORRES, A. R. R., ALMEIDA, S. T. **Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais**: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf> Visualizado em Fevereiro de 2019.

RABELO, M. C. Aprender a ver o candomblé. **Horizontes Antropológicos [Online]**, v. 44, 2015. Disponível em: <http://journals.openedition.org/horizontes/1028>. Acesso em Fevereiro de 2019.

REIS, J. J.. Bahia de todas as Áfricas. In: **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Fé na África. Religiões Afro-Brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1, nº 6, dez. 2005.

RODRIGUES, N. Os africanos no Brasil. 6ª ed. São Paulo: **Ed. Nacional**, Universidade de Brasília, 1982.

RUSSO, K.; ALMEIDA, A. Yalorixás e educação: discutindo o ensino religioso nas escolas. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 160, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742016000200466&lng=en&nrm=iso. Acesso em Março de 2019.

SANTOS, A. B. dos. Africanidades e educação. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Universidad del Zulia Maracaibo, vol. 22, núm. 79, pp. 71-81, Venezuela, 2017.

SETTON, M. da G. J.; VALENTE, G. Religião e educação no Brasil: uma leitura em periódicos (2003-2013). **Cad. Pesqui.**, v. 46, n. 160, São Paulo, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010015742016000200410&lng=en&nrm=iso. Acesso em Fevereiro de 2019.

SILVA JÚNIOR, J. V. O *Ylé Axé Runtó Rumbôci* na Cidade de Cajazeiras-PB: africanidades cajazeirenses. 2015. 106f., Orientadora Dra. Silvana Vieira de Sousa, Monografia (Graduação) – UFCG/CFP.

SILVA, D. M., CALAÇA, M. C. F. Arte Africana & Afro-Brasileira. 2ª ed. São Paulo: **Terceira Margem**, 2007.